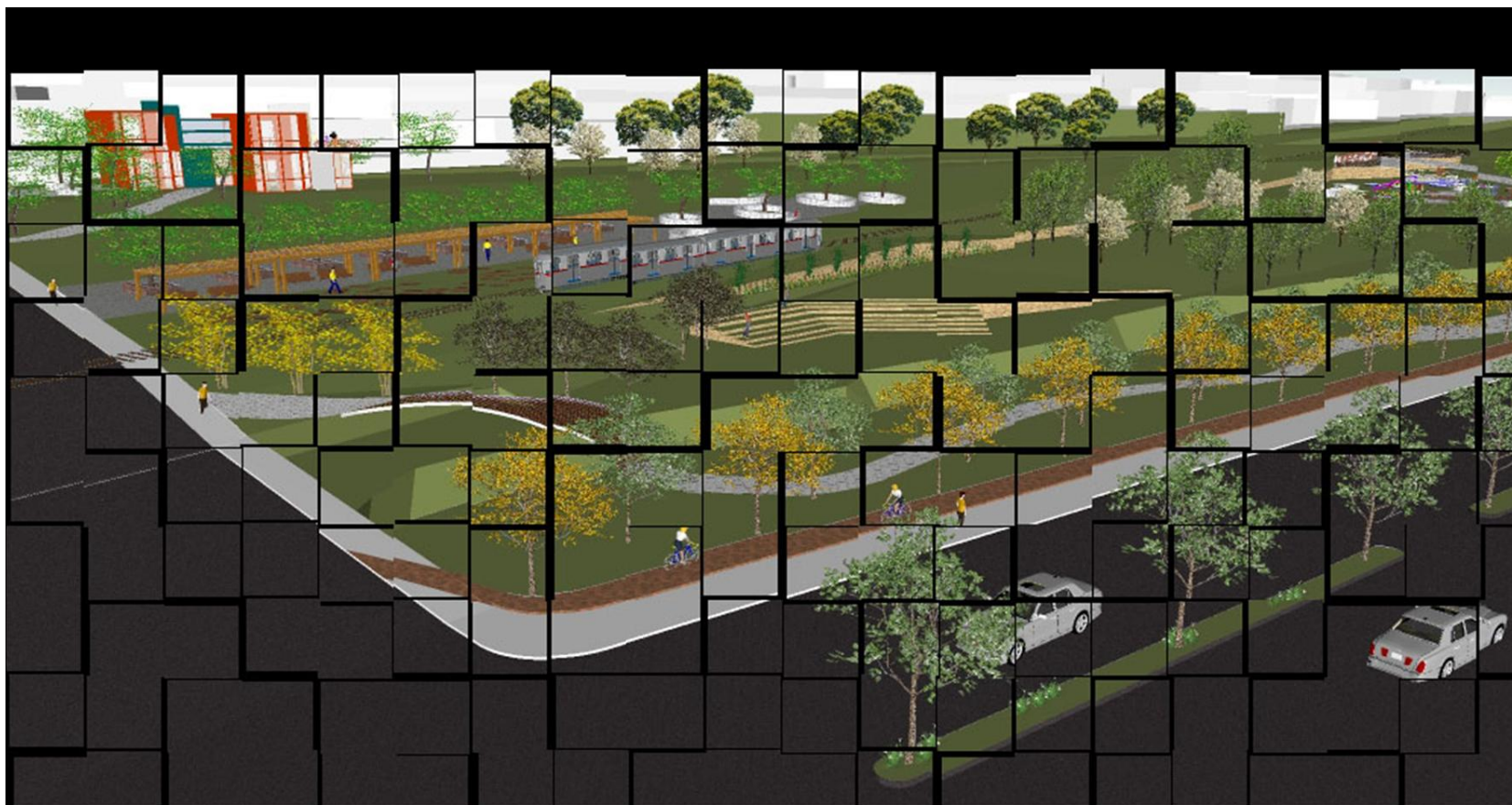




QUALIFICAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO: DESVENDANDO UM VAZIO URBANO

TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO - FABIANA BENEVENUTO FAUSTINI



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO - UNESP Bauru

Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação
Departamento de Arquitetura e Urbanismo

TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO

QUALIDADE DO ESPAÇO PÚBLICO: DESVENDANDO UM VAZIO URBANO.

ORIENTANDA: FABIANA BENEVENUTO FAUSTINI

ORIENTADORA: PROF^a.DR^a. NORMA REGINA TRUPPEL CONSTANTINO

BAURU – NOVEMBRO 2010.

Agradecimentos.

Agradeço primeiramente à Deus, que foi o responsável por todas as minhas conquistas até hoje.

Agradeço aos meus familiares, meus pais Zilma e Elpídio, minha irmã Mariana e meus avós pelo carinho e apoio dedicado em cada momento, e por estarem ao meu lado em qualquer situação.

Quero também agradecer ao meu namorado Marinho, por me acompanhar em todos esses anos, participando ativamente de todos os momentos desta minha graduação, com apoio, paciência e dedicação.

As minhas queridas amigas, que estão presentes em momentos de alegria e de dificuldades, Joana, Camila, Letícia, Karla e Dani.

A Professora Norma Constantino quero agradecer pelos conselhos e ensinamentos passados com tanto amor, não somente no decorrer deste ano mas desde o início do curso.

Também a professora Solange Gurgel de Castro Fontes pela oportunidade proporcionada da realização de uma iniciação científica que me trouxe além de ótimos frutos, uma grande amizade com esta orientadora.

Enfim gostaria de agradecer por todos que de alguma maneira contribuíram para o sucesso da minha formação, e de uma forma ou de outra, contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho.

Resumo

O trabalho propõe-se a fazer um estudo teórico sobre o método de compreensão dos espaços públicos, tendo seu foco em áreas verdes urbanas. Essa metodologia foi estudada e aprofundada em Portugal, na disciplina de Fundamentos da Arquitetura Paisagista através de intercâmbio realizado por meio da UNESP do período de setembro de 2009 a março de 2010.

Partindo destes conceitos, será realizada a aplicação desta teoria em uma área que apresente um potencial a ser explorado na cidade de Bauru.

Sumário:

1. Introdução	07
2. Interação dos Conceitos.....	08
2.1. A paisagem.....	08
2.2. A cidade como Paisagem Urbana	11
2.3. Importância da Paisagem natural inserida na Paisagem urbana.....	13
2.3.1. Funções das Áreas verdes urbanas.....	13
2.3.2. Diretrizes para a qualificação da paisagem verde urbana.....	15
3. Áreas de intervenção	17
3.1. Áreas verdes em Fundos de Vale.....	17
3.2. Parques Lineares.....	22
3.2.1. Exemplos de Parques lineares.....	23
4. Contexto	25
4.1. A cidade de Bauru – Breve histórico.....	26
4.2. Plano Diretor Participativo (PDP) da Cidade de Bauru e sua relação com os fundos de vale	30
5. Proposta.....	36
5.1. Histórico da Área.....	36
5.2. Aplicação de um parque linear no fundo de vale do Córrego da água da ressaca na cidade de Bauru.....	49

5.2.1. Estrutura e encontro da Identidade.....	49
5.2.2. Áreas e usos – Palcos para o lazer.....	52
6. Conclusão.....	62
7. Bibliografia.....	63

1. Introdução

Os espaços públicos são como um cenário, no qual se desenrola a realidade da vida coletiva.

As ruas, as praças, parques e edifícios públicos, dão forma a este palco, onde se assiste o fluxo cada vez mais intenso de atores da vida real.

Entender, integrar e organizar esta paisagem global sempre foi e ainda é um grande desafio para os arquitetos, compatibilizando a paisagem natural com a paisagem urbana, através da interpenetração mútua dos contínuos “edificado” e “não edificado”, onde esse desafio se dificulta, pois a paisagem natural é um espaço vivo e dinâmico.

O espaço urbano foi invadido por construções e empreendimentos promovidos isoladamente, sem a integração das diversas áreas, acima de tudo ignorando quase por completo o substrato ecológico sobre o qual há o progresso.

O homem ocupou e controlou a paisagem sem perceber que este espaço necessita de regras e equilíbrio. Mas muitas vezes esse tal controle resulta na manifestação da natureza através dos fenômenos naturais que põe em risco a segurança do próprio homem.

Para tal desafio é sempre necessário o estudo e o entendimento do local a ser modificado, pois por se tratar de um material vivo, o projeto deve levar em conta sempre o futuro, e as transformações que podem ocorrer, desse modo entende-se que a profundidade do tempo é essencial.

Além disso, a paisagem nasce de uma relação emotiva com o território, nos desperta uma relação emotiva, ou seja, reflete a cultura do local onde está inserida, portanto é sempre um fator cultural. “A Paisagem é uma figuração da biosfera resultante de um sistema de relações naturais de que o homem faz parte e gera emoção.” (CALDEIRA CABRAL, 1993.)

2. Interação dos Conceitos

2.1. A paisagem

A palavra paisagem tem muitas interpretações. Nos dicionários de língua portuguesa, a paisagem surge mais como uma definição literária de “extensão de território que se abrange com um lance de vista”. Mas, no entanto, as várias interpretações que se fazem de paisagem têm em comum, “o fato desta constituir uma manifestação externa, um indicador de todos os processos que têm lugar no território e que correspondem à ação natural e humana”. (CABRAL,1993)

A paisagem pode ser definida como uma realidade ecológica incorporada fisicamente num espaço natural, antes de qualquer intervenção humana, onde se introduziram os elementos e estruturas construídas pelo homem, a qual se designa de paisagem cultural.

Os professores portugueses Caldeira Cabral e Ribeiro Telles apresentam uma opinião em que a paisagem é, sobretudo cultural. Para o professor Cabral: “A paisagem, que ao contrário do que muitos pensam irrefletidamente, é, obra do homem, representa o esforço secular e perdurável do povo que a moldou com o seu trabalho, deixando-

nos a obrigação de o continuar, transmitindo-a sempre melhorada às futuras gerações. Ela representa pela sua arquitetura, pelas árvores, campos e pelos seus rios e estradas, o equilíbrio entre a ação do homem e o meio (...)” (CABRAL,1993)

E Ribeiro Telles demonstra a mesma opinião ao fazer a seguinte definição de paisagem: “a paisagem é a expressão do espaço que é vivido pelo Homem. É a imagem, a expressão física, a visualização do espaço que é por ele vivido.” (Ribeiro Telles,1990)

Poderia dizer-se que o equilíbrio e sustentabilidade da paisagem se refletem no próprio homem através de uma linguagem de valores e significados. Essa linguagem de valores e significados é representada pelos valores ambiental, cultural, cênicos e simbólicos, como resultado da relação física e emocional entre o sujeito e o meio.

O valor ambiental é o suporte da Paisagem quer urbana ou rural, quer histórica ou contemporânea, que integra as estruturas indispensáveis à sustentabilidade ecológica. Os elementos de expressão espacial visível e não visível que constituem um contexto ecológico, constituem a matriz de todas as interações culturais, ecológicas e sociais. (MAGALHÃES, 2001)

Este valor cultural depende da paisagem humanizada.

As primeiras comunidades que se instalaram no território tiveram uma ocupação que compreendia as estruturas fundamentais da paisagem e respeitavam o seu valor ambiental aprendendo a viver harmoniosamente no meio, criando as suas próprias estruturas necessárias ao seu modo de vida, ao que se designa de patrimônio cultural. (MAGALHÃES, 2001)

A percepção da Paisagem passa sem dúvida pela relação de simbolismo do lugar com o homem, refletindo um pouco as suas necessidades emotivas.

O produto da integração do homem com o meio é o que faz o lugar. Assim, o simbolismo do lugar representa não só as características físicas do mesmo como também uma transformação no interior do homem que permite a atribuição de um significado mítico, transformando-o num lugar significante.

A morfologia em ordenamento do território, ou seja, o estudo da estrutura e formação deste território é um importante instrumento de intervenção na paisagem, e tem como objetivo integrar a Estrutura Ecológica e a Estrutura Edificada permitindo a interligação do espaço natural e urbano, ou até criar novos espaços que possam complementar essa ligação.

A qualidade da integração, no sentido de compreender os vários elementos e a sua função e articulação no espaço, além da profundidade do mesmo enquanto conteúdo estético, funcional (ecológico e prático), simbólico, cultural e social, permitem a concepção do espaço e das paisagens como um todo.

“A visão e a concepção do espaço só podem ser entendidos no sentido da globalidade e de totalidade, no modo como se reúnem e relacionam as componentes ecológicas e funcionais do meio natural com as necessidades humanas.” (DEE, 2004)

2.2. A Cidade como Paisagem urbana

A cidade é constituída por uma estrutura que é consolidada por elementos individuais interligados, e é hoje objeto de transformações e regenerações causadas por ações urbanísticas, que causam sua expansão e modernização, mas também podem trazer alterações prejudiciais.

Estas alterações podem ser, entre outras causas, também provocadas pela própria atividade humana que contribui para o equilíbrio ou desequilíbrio do sistema, conforme o sentido em que atua.

A natureza, a arte e a filosofia, influenciaram desde sempre a forma das cidades e a vida pública nelas contida, beneficiando ou restringindo o seu desenvolvimento, determinando o modo como hoje vivemos e conhecemos a cidade.

Ambientes comuns tornam possível um intercâmbio social, desde aspectos particulares do cidadão individual, até características de toda uma comunidade. Estes espaços são resultados de uma fusão entre o planejamento e uma evolução natural, dependendo profundamente da dinâmica das pessoas que os habitam.

O espaço público é o bem comum dos habitantes de uma cidade, ou seja, o principal patrimônio de seus cidadãos. Estes espaços, nas suas diversas formas – rua, praça, jardim ou parque – são elementos primordiais da estruturação dos tecidos urbanos.

A cidade como paisagem urbana, se reflete em seus moradores através de significados e de uma linguagem de valores. Porém não são somente os fatores materiais que são refletidos, mas os fatores imateriais e de valor mais intangível das qualidades do espaço urbano.

Este conjunto se torna um elemento central da organização do “mapa mental” que cada indivíduo para si e lhe permitindo reconhecer-se e orientar-se na cidade, onde se exprimem a vivência individual e coletiva. Por este motivo o espaço público, exprime muito do que é cada cidade e a sociedade que nela habita.

Tais características definem a identidade dos lugares e contribuem para a sua valorização e seu papel inovador, guiando o desenho do espaço público favorecendo sua apropriação coletiva pela população.

Além disso, a construção de identidade é um processo dinâmico de confronto do passado com o presente. A identidade como tesouro do nosso inconsciente comum que nos remete para sentimentos de pertença e referencia no espaço onde nos movimentamos.

A identificação de sinais e características próprias, sejam elas existentes ou criadas na paisagem, são um fator de conforto e tranquilidade para o utilizador que deixa de se sentir perdido e passa a estar integrado num sistema de códigos e mensagens que transmitem segurança e sentimento de pertença.

2.3. Importâncias da Paisagem natural inserida na Paisagem urbana

“Sem Compreender as necessidades de uma cidade e, principalmente sem compreender as funções das áreas verdes, estas não poderão ser realizadas.” Burle Marx

2.3.1. Funções das áreas verdes urbanas

A introdução de jardins em áreas urbanas ocorreu no século XIX principalmente na Europa, China e no Egito. Quando essa prática se tornou comum na Europa, começaram a aparecer os primeiros largos e praças no Brasil em área urbanísticas, principalmente a partir das três últimas décadas do século XIX, e assim houve uma constante transformação dos espaços públicos nas grandes cidades brasileiras. Já no século XX, se tornou comum construção de praças ajardinadas e parques.

Hoje as áreas verdes se tornaram uma referência em defesa do meio ambiente e a sua degradação, em uma realidade em que estes espaços estão sendo tomados pelos os centros urbanos.

A urbanização está cada vez mais complexa, ou seja, o espaço urbano tende a se expandir cada vez mais por causa da sua força produtiva, e assim as questões sócio-ambientais entram em contradição com as questões sócio-econômicas.

A relação cidade e natureza, com o crescimento da urbanização, vai se tornando cada vez menor, e a degradação se torna comum nas cidades, pois não houve nenhum tipo de planejamento que ressaltou a importância do meio ambiente, ficando assim vida urbana ficou atrelada à infra-estrutura da cidade.

As áreas verdes no contexto das cidades entram como um elemento essencial para o bem estar da população passaram a ser entendidas como um local de evasão dos rigores da vida urbana, e possuem a finalidade de melhorar a qualidade de vida, pela intensificação do relacionamento entre indivíduos, pela recreação, pelo paisagismo e pela preservação ambiental, o que quer dizer que as áreas verdes urbanas são de extrema importância para a qualidade da vida, elas agem simultaneamente sobre o lado físico e mental do homem, absorvendo ruídos, atenuando o calor do sol, melhorando a qualidade do ar, contribuindo para a formação e o aprimoramento do olhar estético, etc. Além de que desempenham um papel fundamental na paisagem urbana, porque constituem um espaço dentro do sistema urbano onde as condições ecológicas se aproximam das condições normais da natureza.

Destacando a vegetação no meio urbano, Lamas (1993, p. 106) pondera que: Do canteiro à árvore, ao jardim de bairro ou grande parque urbano, as estruturas verdes constituem também elementos identificáveis na estrutura urbana; caracterizam a imagem da cidade; têm a individualidade própria; desempenham funções precisas; são elementos de composição e do desenho urbano; servem para organizar, definir e conter espaços.

Porém a falta de planejamento é um problema no desenvolvimento de nossas cidades, principalmente tratando-se das áreas verdes que geralmente estão em segundo plano, quando não abandonadas, mesmo essas áreas possuindo tamanha importância.

É fundamental que a sua concepção integre todas as componentes necessárias para a formação do lugar, como sua identidade e seu caráter, mas nunca esquecendo os pressupostos de sustentabilidade, induzidos através de espaços coerentes e democráticos. Comprova-se assim que a implantação de espaços verdes por si só não é suficiente para recuperar a vivência do espaço público, pois a má implantação ocasiona deficiências permanentes e crescentes dessas áreas que tem uma finalidade tão relevante e crucial para a população e o espaço urbano.

2.3.2. Diretrizes para a qualificação da paisagem verde urbana.

A identidade do espaço exterior urbano é a questão crucial na concepção da paisagem urbana, tanto nas novas expansões, como na recuperação dos espaços fragmentados ou desestruturados.

Esta identidade pode ser encontrada de algumas maneiras, que juntas se complementam para maior entendimento do espaço.

O ambiente como paisagem cultural, é o ponto de partida para a busca da identidade.

É evidente que esta imensa experiência do ambiente, não poderá ser recolhida no presente, a não ser que ai façamos precipitar partes significativas do passado, onde se compreendermos que a experiência do ambiente, feita no decurso do passado, conserva seu valor no presente, a ligação entre passado, presente e futuro, entre antigas e novas concepções do espaço se tornam pressupostos primordiais para a qualificação da criação destes novos espaços.

Faz parte dessa concepção, apropriar-se dos valores culturais, e fazer deles uma nova melodia - a nova paisagem. Esta melodia é um movimento e a música só pode existir se o que estamos fazendo agora for à seqüência do que o precedeu, ou seja, resgatar esses velhos valores e encontrar para eles um novo uso, um futuro para o passado na paisagem em mudança.

Alguns outros fatores que complementam a identidade são:

- A morfologia do espaço, como a disposição dos edifícios, e o entorno que emoldura o espaço a ser trabalhado.
- O aspecto funcional e de vivência, como o conforto a tranquilidade, o acesso e os atuais usos da área em questão.
- Aspectos sociais, bem como as diferentes classes sociais que fazem parte desta paisagem, e podem ser atingidas, e o atrativo e benefícios que podem chegar a elas.
- Respeito pela paisagem natural, levando em conta suas futuras transformações, fazendo assim com que o projeto de qualificação seja não só imediato, mas de longo prazo.

Neste sentido, deve-se manter a contextualidade da obra relacionada à ecologia e à história da evolução da paisagem, sendo a arquitetura atualmente, de certa maneira, inclusiva dos componentes culturais, ecológicos e funcionais.

Deste modo, ressalta-se a importância de se otimizar o ordenamento da paisagem e produzir a partir de uma lógica de respeito ao que é natural e cultural, mostrando que na verdade não há o arranjo de espaço exterior e sim

um projeto que desenha a paisagem, onde o projeto já está lá, cabe a nós a função de aperfeiçoá-lo, além de estabelecer sua relação com o entorno.

3. Áreas de intervenção

3.1. Áreas verdes em fundos de vale

Um Fundo de vale é o ponto mais baixo de um relevo acidentado, onde normalmente há a presença de um córrego. Muitas pessoas confundem o córrego existente com um esgoto a céu aberto, e na maioria das vezes desejam sua canalização.

A real importância que essas áreas podem trazer para a cidade não é evidenciada, fazendo com que muitas vezes se tornem hostis e abandonadas.

A falta de manutenção, e as práticas de ocupação e posterior degradação dos fundos de vale nas cidades podem ser reconhecidas em casos de:

- Desmatamento;
- Erosão;
- Assoreamento dos rios e riachos;

- Movimentos de massa/deslizamentos;
- Impermeabilização do solo urbano;
- Contaminação dos mananciais e do lençol freático através de lixo e esgoto;
- Enchentes urbanas.

Na maioria das cidades brasileiras, aprendeu-se, de certa forma, a conviver com esses ferimentos: repete-se o descaso, o descuido, a injusta distribuição de benefícios, o preconceito, a degradação ambiental. Se não fosse pelo fato da natureza se “vingar”, e mostrar sua “cara urbana” - quilômetros de congestionamento, casas alagadas... - a população mais uma vez alienada e sem informações se satisfaria com as simples reclamações do mau cheiro instalado nestas áreas.

Infelizmente o uso irregular de áreas de fundo de vale é comum em grande parte das cidades. Estas ocupações podem ocorrer de formas diversas, como com intensa apropriação urbana do fundo de vale, destacando-se avenidas marginais ou ruas (asfaltadas), loteamentos/edificações e assentamentos informais, também aparecem com a canalização do córrego existente, ausência da mata ciliar, lançamento de esgoto, e também uso da área como “lixão”.

As figuras abaixo mostram alguns destes exemplos.



Figura 1: Ocupação de fundo de vale por rua e loteamento (curso d'água não modificado).
Rio Piracicamirim, Piracicaba-SP. Fonte: Simar Vieira de Amorim

Figura 2: Ocupação de fundo de vale por assentamento informal (curso d'água não modificado).
Vila Varjão, Brasília-DF – esgoto sendo lançado diretamente no curso d'água.
Fonte: Raquel Silva





Figura 3: Ocupação de fundo de vale por avenida marginal (curso d'água canalizado).
Córrego do Tijuco Preto, São Carlos-SP. Fonte: Lia Martucci de Amorim

Figura 4: Ocupação de fundo de vale por pela Av. Nações Unidas.
Chuva causa danos ao local.
Córrego das Flores, Bauru-SP. Fonte: Rede Record





**Figura 5: Lixo nos Córregos de Fundo de Vale.
Córrego Mandacaru, Maringá- PR. Fonte: HNEWS**

Os artigos do Estatuto da Cidade (BRASIL, 2001) abrem perspectivas para se aplicar a preservação ou a reabilitação dos fundos de vale no planejamento e gestão das cidades, onde se deduz que deve haver continuidade e mesmo tratamento ambiental para os fundos de vale, tanto da área urbana, quanto rural.

Os fundos de vale são estabelecidos como áreas de preservação ambiental (APA's) ou como "Parque Linear", delimitando assim ambientalmente o futuro destas áreas, que são de grande valor para a cidade.

O Plano Diretor Participativo aparece como uma grande conquista no sentido de retomar e fortalecer a gestão urbana de instrumentos capazes de dotar o município de um desenvolvimento ambientalmente sustentável, e serve como primeiro passo para consolidar uma mentalidade de salvaguarda ambiental na população, que poderá assimilar a prática de preservação dos fundos de vale como algo seu, sua cultura, seu patrimônio, sua solução para o ambiente construído. Desse modo, o que antes era “solução sanitarista” passaria a ser prática urbanista que trará maior qualidade de vida.

3.2. Parques Lineares

As unidades de conservação mais naturais e espontâneas são os fundos de vale. Dentre os espaços criados para se dotar a cidade de áreas verdes, - como praças, parques e jardins- a preservação dos fundos de vale como a solução herdada da natureza é a que mais clara que se apresenta.

O modo de tratamento destas áreas prioriza os “Parques Lineares”, que nada mais são do que fundos de vale transformados em parques que acompanham o fluxo do córrego ou rio. A área verde assim obtida, além da sua principal função de preservação ecológica e de evitar problemas de degradação tanto pontuais como de maior abrangência na cidade, atenua a temperatura externa, devido ao seu microclima característico, ajudando a cidade a “respirar” a partir de seu parque linear de fundo de vale.

O manejo do verde nessas áreas pode ser feito tanto no sentido de preservar ou reflorestar matas ciliares, plantio de grama e árvores novas, como complementado com a introdução de equipamento de lazer - quadras,

campos de futebol, playground, pistas de circulação compartilhada, ciclovia, entre outros- de maneira que respeite o ambiente e seus limites naturais.

3.2.1. Exemplos de parques lineares



Figura 6: Ocupação de fundo de vale por área verde (parque linear) / lago.

Rio Barigüi - Parque Tingüi, Curitiba-PR

Fonte: <http://www.parques-curitiba.com>



Figura 7: Ocupação de fundo de vale por área verde (parque).
São José do Rio Preto-SP
Fonte: Nemésio Batista Salvador



**Figura 8: Revitalização do Rio Don e criação de um parque linear
Toronto- Canadá 1991.**



**Figura 9: Revitalização do Manzanares e criação de um parque linear
Madrid- Espanha**

**Figura 10: Parque de Cabecera
Valência- Espanha**



4. Contexto

Os conceitos e assuntos abordados na parte teórica formam uma base para a concretização desta segunda componente deste trabalho final.

Desta forma, a componente prática deste trabalho consiste em elaborar uma proposta de parque linear em um vazio urbano na cidade de Bauru.

O presente trabalho procura estabelecer a importância das áreas verdes urbanas e seu planejamento adequado, no qual o mesmo deverá se basear em uma série de estudos e percepções para a criação destas áreas.

Por isso, o projeto terá que satisfazer níveis sociais e situações bastante distintas, além de seu propósito ecológico.

Soluções inovadoras de resposta a problemas urbanos já identificados, mecanismos já aplicados com resultados positivos, criatividade na valorização dos recursos territoriais, opinião dos cidadãos, além da definição do caráter e da identidade deste fundo de vale, são ferramentas que essencialmente farão parte deste projeto para que o mesmo possa resolver a situação do local.

Assim a criação deste “novo- antigo” espaço potencializará além de seu entorno, a cidade.

4.1. A cidade de Bauru - Breve histórico

A Paisagem da cidade de Bauru é marcada pelo Rio Bauru e seus afluentes.

Em 1884, quase trinta anos após a chegada dos primeiros desbravadores a região, uma parte Fazenda das Flores foi doada por fazendeiros- que conquistavam o centro oeste paulista no anseio de terras para o plantio de café - a igreja, e assim concretizar a formação do patrimônio de São Sebastião do Bauru. No dia 1º de agosto de 1896, Bauru foi elevada à condição de vila.

Quase dez anos depois, em 1905, a cidade recebeu sua primeira ferrovia: a Estrada de Ferro Sorocabana, que ligava Bauru a São Paulo. Foi o início do crescimento populacional na região. Além da chegada dos operários, que trabalharam na construção das linhas, o comércio local teve ganhos e houve incentivo à migração.

Em 1910, com a chegada da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, Bauru passou a abrigar um dos maiores entroncamentos ferroviário do interior do continente. Já em 1939, com a conclusão da nova e enorme estação da Noroeste, que englobava também os escritórios da empresa, todos os embarques e desembarques das

três ferrovias foram centralizados nessa estação.

A construção das ferrovias representou muito mais do que o escoamento da produção cafeeira, tornou-se responsável pela aceleração do crescimento da cidade e valorizaram os terrenos urbanos.

Os fundos de vale existentes distinguiram os limites entre as fazendas que formavam o território da cidade.

O processo de parcelamento do solo foi acontecendo a partir do interesse da iniciativa privada em lotear as glebas das antigas fazendas, principalmente para fins residenciais no mesmo período das ferrovias.

A estação ferroviária simbolizava a porta de entrada da cidade, trazendo em seus vagões mercadorias, pessoas e cultura, porém sua maior bagagem era o desenvolvimento do centro, e diferentemente dos dias de hoje, a população que vivia nessa época buscava habitar neste centro tão ativo e dinâmico onde tudo acontecia.

A quantidade de fazendas loteadas foi crescendo com a desvalorização do centro da cidade como moradia, pois devido ao grande fluxo de pessoas que circulavam e chegavam com os trens, o centro foi se tornando quase que exclusivamente comercial.

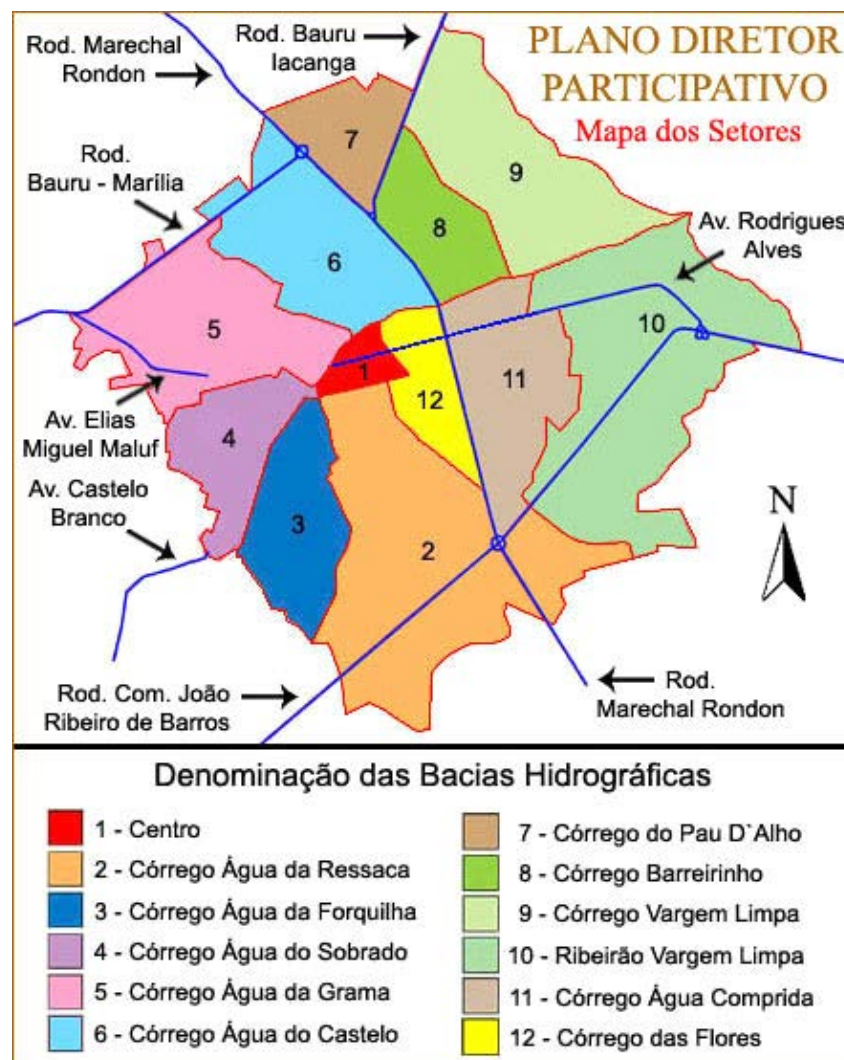
Alguns anos mais tarde, o declínio das ferrovias se tornou outro fator para a saída de moradores para outros bairros da cidade. Esse declínio gerado pela falta de incentivo governamental para a malha ferroviária, refletiu na desvalorização das áreas próximas as estações, e consequentemente ao centro comercial.

Hoje em dia, apesar de Bauru ter sofrido com a má política de alguns de seus prefeitos, a cidade foi buscando outras maneiras de se desenvolver e estimular seu crescimento, e atualmente é reconhecida por outras qualidades. As produções agrícolas e pecuárias trazem bons resultados para toda a região. A cidade conta com três parques industriais que oferecem produtos variados e abastecem mercados de todo o país e do mundo, através da

exportação. O Comércio tem a maior participação na base econômica da cidade, o setor de serviços é o que mais cresce e emprega em Bauru, e, além disso, a cidade conta com várias universidades que trazem muitos estudantes a cidade.

Porém em relação paisagem urbana, a área do município é de aproximados 674 km², e poucas áreas verdes e parques destinados a preservação e ao lazer dos moradores. Em contradição a isso, a cidade engloba grandes espaços verdes, os vazios urbanos, os mesmos fundos de vale que delimitavam as fazendas no passado, porém estes não são valorizados como deveriam e a grande maioria deles sofre com poluição, lixo, erosões, e ocupações irregulares.

Estes fundos de vale espalhados pela cidade, possuem grande capacidade para formação de parques, porém estes parques não encontram força suficiente para serem viabilizados.



**Figura 11: Localização dos córregos que formam os fundos de vale de Bauru.
PDP- Bauru 2006.**

4.2. Plano Diretor Participativo (PDP) da Cidade de Bauru e sua relação com os fundos de vale

Sabe-se que um dos recursos para gerir a cidade está no planejamento ambiental, que se tem faltado e muito nas diretrizes de desenvolvimento das cidades.

A legislação vigente no Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado da cidade de Bauru é um instrumento necessário para nortear o crescimento urbano, todavia, as diretrizes municipais foram insuficientes para o controle da expansão urbana em áreas de fundo de vale.

Esta expansão na cidade de Bauru tem contribuído nas áreas de fundo de vale, os vazios urbanos, com a aceleração da degradação no ambiente urbano.

A distância entre as realidades concretas no ambiente urbano e as regulamentações encontradas no Plano Diretor de Bauru, quanto à questão da sustentabilidade, é tratada de modo abstrato, não relacionando os fatores físico-naturais com os econômicos, sociais e culturais, tornando o ambiente urbano uma dicotomia.

Apesar do Plano Diretor feito pela cidade ser “participativo” (PDP), socialmente, a cidade reflete o descaso das autoridades locais por quase não haver participação popular para se resolver os problemas de natureza social urbana e da durabilidade das áreas de fundo de vale, dessa forma a população não vê valor destas na cidade, se importando muito mais em quantidades de ruas asfaltadas e soluções para inundações causadas pela chuva, sem muitas vezes imaginar que a solução para isso está no tratamento destes fundos de vale.

Porem, no PDP consta soluções para essas áreas, como:

Implementar os Parques Lineares de Fundo de Vale, que têm a função de integrar os setores da cidade, oferecer equipamentos de esporte e lazer e implantar as barragens de contenção de águas pluviais para controle das enchentes.

Recuperar de modo sustentável e revitalizar as áreas de fundos de vale, em especial as áreas de preservação permanente e transformá-los em Parques Urbanos Lineares.

Executar as obras estabelecidas no Plano Diretor de Macrodrenagem, referentes ao Córrego das Flores (Avenida Nações Unidas), Água da Ressaca, Água da Forquilha, Água do Sobrado e Córrego da Grama.

Entretanto a reabilitação destas áreas não está em primeiro plano no município. Na maioria das cidades a racionalidade do capital tem-se sobreposto à ambiental e ecológica. Assim, a realidade existente nas áreas de fundo de vale se transforma em local não apenas com um conteúdo natural o qual se deve preservar, mas como resultado das contradições sociais materializadas na expansão urbana, o que põe em risco e limita o capital natural.

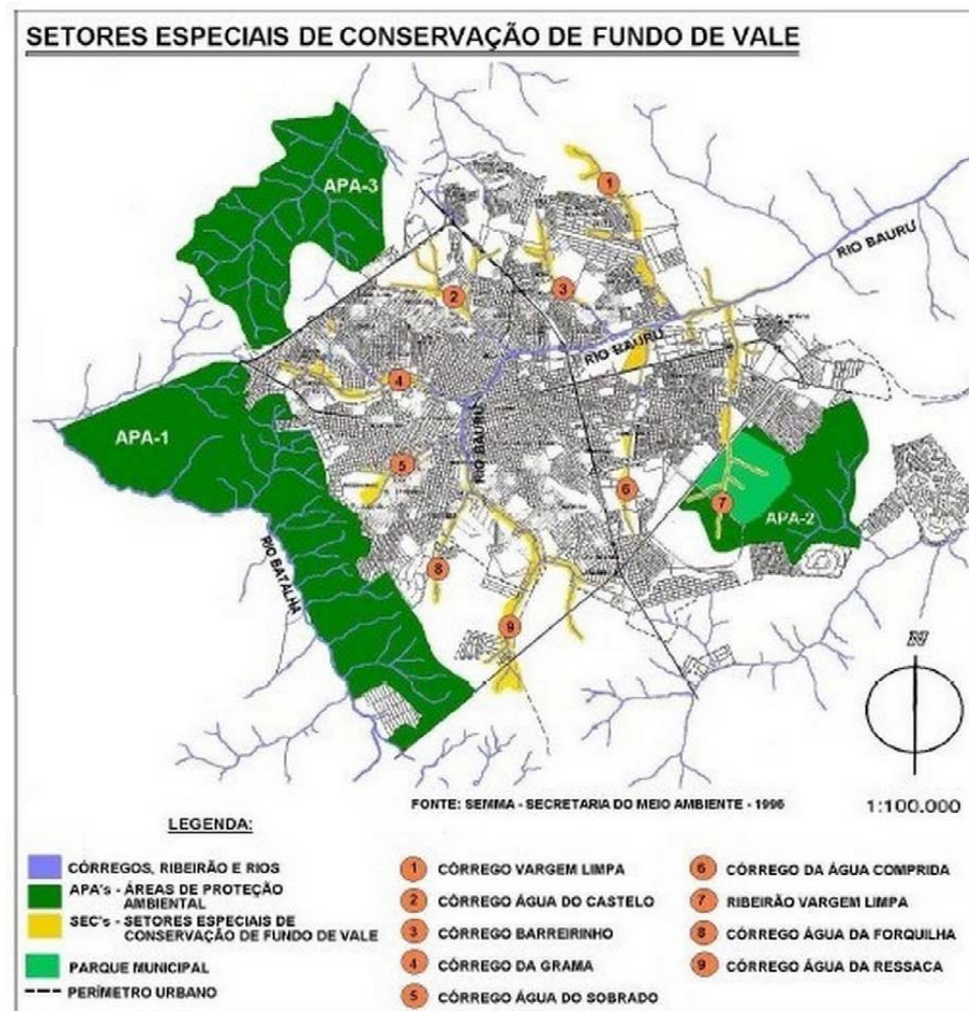


Figura 12 – Mapa da Cidade de Bauru e os Setores Especiais de Conservação de Fundos de Vale – Plano Diretor 1996.

Outro problema encontrado nestas áreas da cidade de Bauru é a proliferação das ocupações humanas nas áreas de fundo de vale, e o resultado do crescimento desordenado da cidade, que contribuiu para a degradação socioambiental surgindo áreas com favelas em locais insalubres sem infra-estrutura urbana.

Nas áreas mais pobres da cidade por falta de investimento e interesse do poder público de Bauru, os problemas sócio-ambientais se acentuaram onde há falta de coleta do lixo urbano, contaminação das águas dos córregos pelo lançamento dos esgotos "in natura", erosão e assoreamento das margens por causa da retirada da mata ciliar e da vegetação natural, favorecendo a degradação do ambiente urbano local.



**Figura 13 – Foto da favela Vila Santista no Córrego da Água da Forquilha.
Fonte: Barbosa (2006).**

Por outro lado, o mesmo espaço desvalorizado é revertido em novos empreendimentos imobiliários localizados em condomínios fechados para as classes sociais de maior poder aquisitivo com toda infra-estrutura urbana necessária para garantir o conforto, e a segurança.

Fica evidente que tanto a classe social menos privilegiada quanto à classe social de alto "status" vivenciam a mesma área de fundo de vale, embora se apresente com realidades opostas.

A paisagem contrastante das favelas com os condomínios de luxo refletem a constante relação de força existente entre os que possuem e os que nada têm.

Portanto ao se permitir o loteamento sem atentar para o fato da importância dos mananciais como natural e social vêm acelerando as transformações ocorridas no meio ecológico pelo homem que de maneira artificial tem proposto soluções paliativas em áreas de fundo de vale.

O ecossistema que se apresenta no entorno das áreas de fundo de vale possui uma importância singular no contexto urbano da cidade de Bauru.

A manutenção do equilíbrio ambiental e físico-natural das áreas ao redor dos fundos de vale, e a preservação das matas ciliares tornaram-se imprescindíveis no controle do impacto das águas pluviais no solo urbano, bem como a proteção dos mananciais nas cabeceiras das nascentes, evitando a erosão e o assoreamento dos córregos.

Além disso, é fundamental lembrar a função social das áreas de fundo de vale como a criação e manutenção de parques ecológicos para a conscientização da sociedade como um todo na elaboração destas áreas verdes,

contribuindo para melhorar a qualidade de vida dos moradores locais, propiciando uma identidade com as áreas no entorno dos fundos de vale além de uma melhoria cênica no ambiente da cidade.

Para isso é indispensável rever o modelo atual de organização urbana no município de Bauru, calcado na fragmentação dos espaços, e buscar um projeto que vise à integração da relação entre o meio natural e o social urbano com um planejamento que considere a capacidade de suporte do ecossistema nos fundos de vale.

Entretanto, tais objetivos jamais serão alcançados se não houver por parte do Poder Público local e de toda a sociedade uma conscientização política para intervir com ações rígidas e uma fiscalização compromissada contra o uso inadequado e a ocupação desordenada do solo urbano.

5. Proposta

5.1. Histórico da Área

A proposta de desenvolvimento de projeto será a criação de um parque linear no fundo de vale do Córrego da água da ressaca, na cidade de Bauru.

O Córrego água da ressaca pertencia a Fazenda Campo Redondo, loteada a partir da década de 90, e se encontra em uma das áreas mais valorizadas da cidade de Bauru atualmente.

Esse loteamento aconteceu devido à expansão do município e a periferização, que vem sendo comum em diversas cidades, não só de pessoas de baixa renda, mas da população que busca se distanciar da aglomeração urbana.

O loteamento deu origem a condomínios fechados residenciais, mas anteriormente a isso, na área já havia ocupação irregular e vários bairros no entorno da área.

Era nítido que a urbanização da região estagnava-se ao encontro dessa área, que teve sua permeação desinibida pelos condomínios, pelo motivo deles se fecharem a ela, e não aproveitarem desse imenso espaço natural como um aspecto qualitativo de valorização.

Portanto, a justificativa para a escolha deste fundo de vale, é que além dele apresentar problemas como assoreamento, lixo, lançamento de esgoto e desmatamento, ao seu redor podemos encontrar uma variedade de ocupações diferentes, que vão desde bairros de alto padrão, condomínios fechados e bairros carentes, até um cemitério parque.

Apesar de o espaço ser o mesmo próximo ao fundo de vale, o seu uso é diferente, pois nos bairros onde estão os condomínios fechados há maior valorização imobiliária com melhores condições de infra-estrutura urbana, acesso com vias asfaltadas e maior tranquilidade para se viver. O mesmo não ocorre para os bairros em que os habitantes não possuem infra-estrutura. O valor de mercado tem uma brutal diferença dentro de um mesmo lugar.

A aceleração desigual do tempo no espaço produz um descompasso entre a dinâmica da natureza com a dinâmica da sociedade que não tem a mesma lógica.

Porém este mesmo lugar sempre contou com a movimentação da água presente no córrego, e posteriormente a isso, com os caminhos de ferro cravados na era da efervescência ferroviária.

A ferrovia não trouxe desenvolvimento específico para esta área, por se tratar apenas de uma passagem, mas ela esteve e está presente no cotidiano das pessoas que por lá transitam e habitam.

Apesar do grande crescimento e modernização da cidade, que já vai bem além a este vazio urbano, a ferrovia traz em suas linhas a ligação do passado com o presente.



Figura 14 – Trilhos da ferrovia dentro do vazio urbano do Córrego da Água da Ressaca.
Fonte: Autora



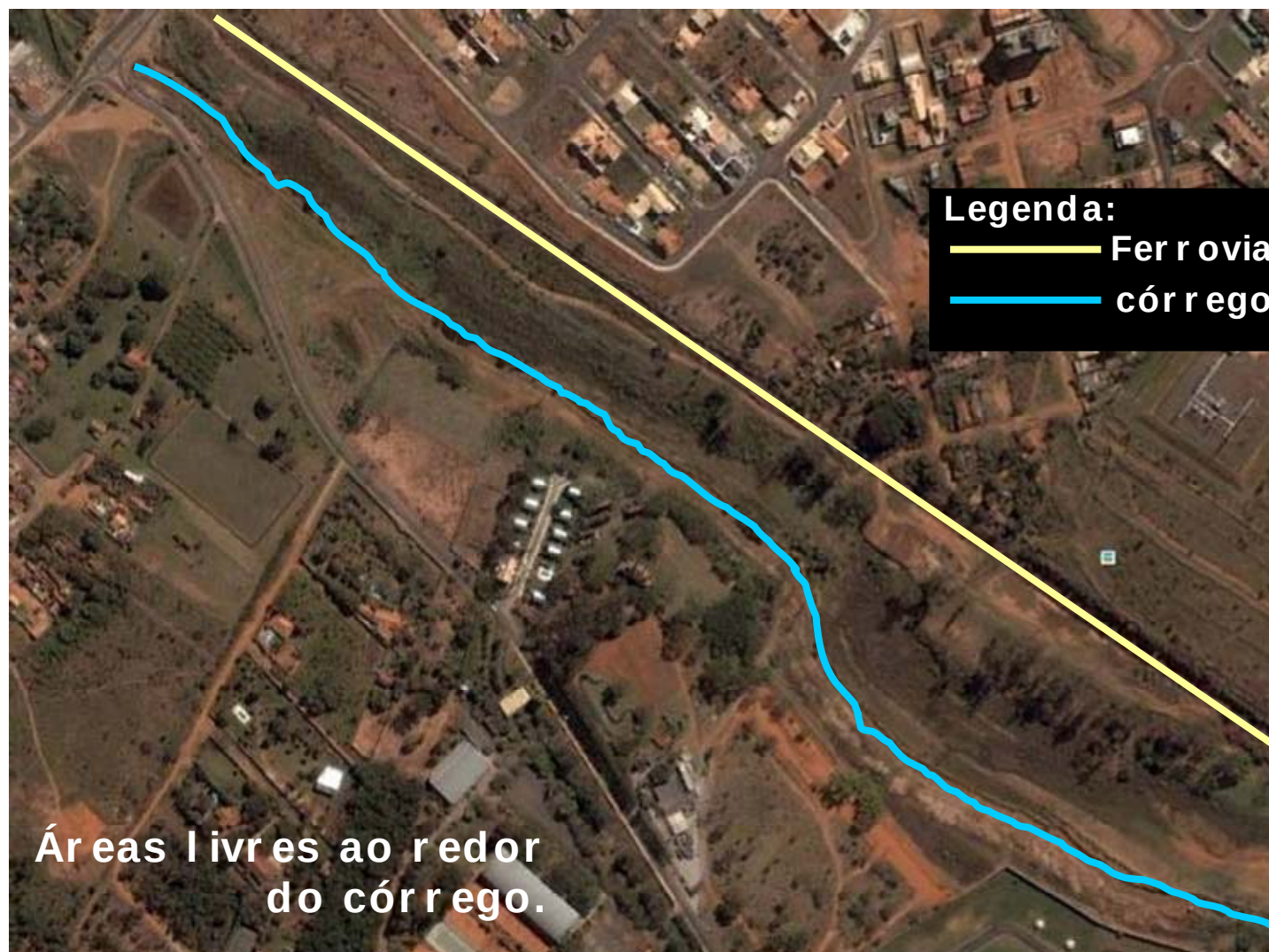


Figura 15 – Vista aérea do Fundo de vale Córrego da água da ressaca . Google Eart- 2010



Figura 16 – Vista aérea do Fundo de vale Córrego da água da ressaca e bairros ao redor . Google Eart- 2010

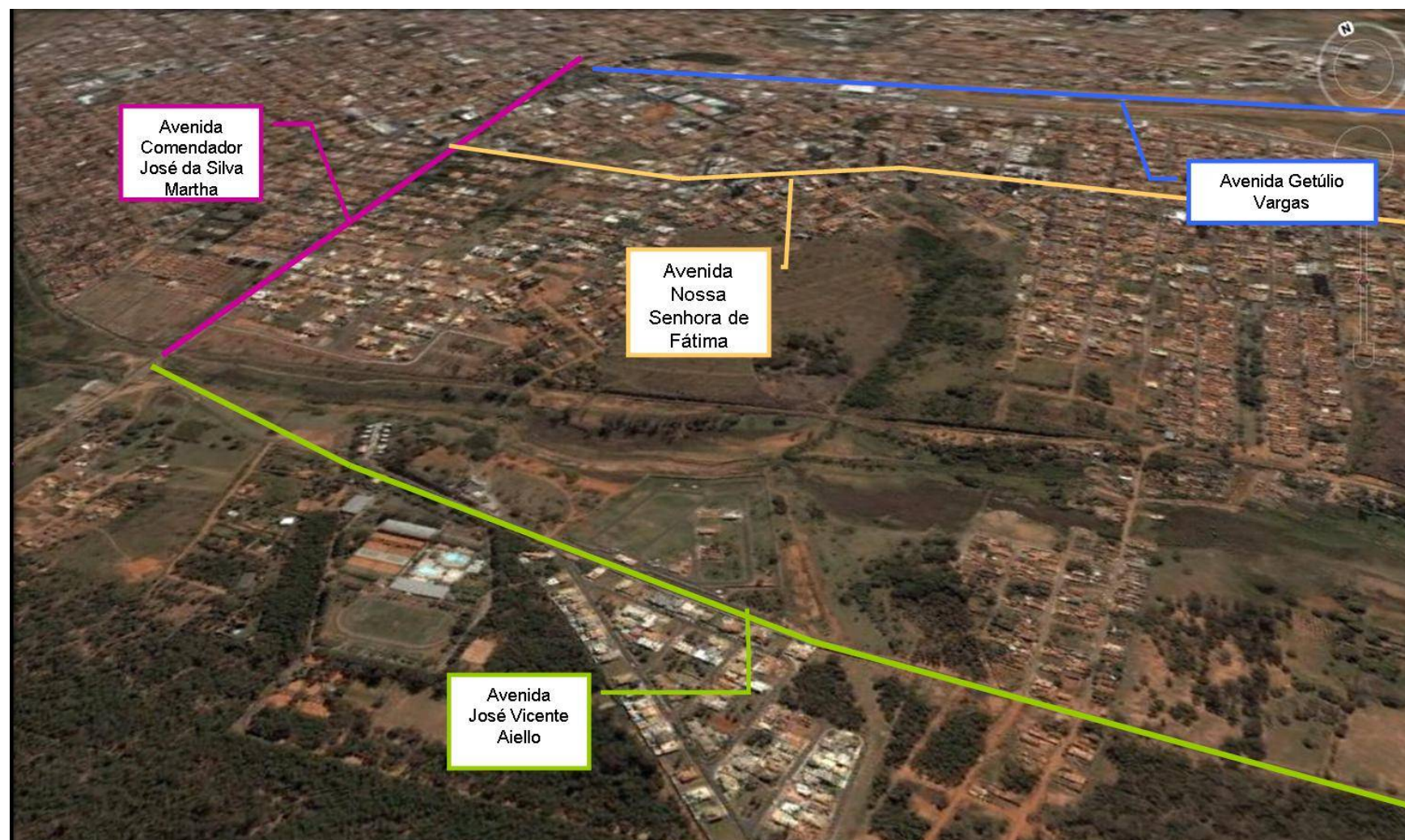


Figura 17 – Vias principais próximas ao vazio urbano . Google Eart- 2010

Imagens do início da Avenida José Vicente Aiello, e seu cruzamento com a Av. Comendador José da Silva Martha.
Fonte: Autora.



Avenida
Comendador



Córrego no
início da
Avenida.



Entrada
do trilho
no Vazio
Urbano

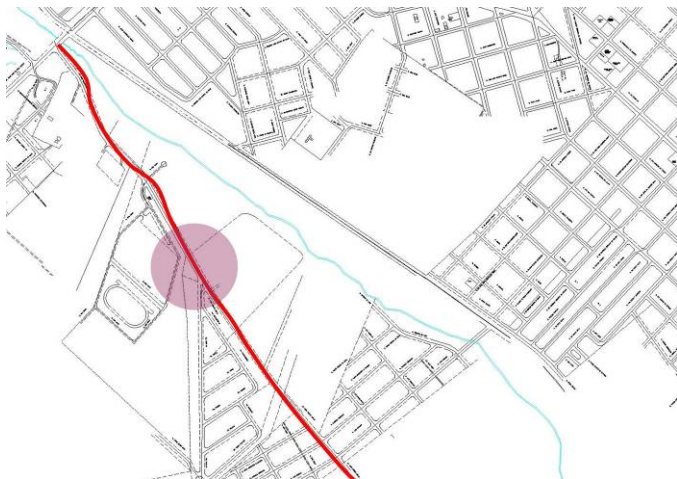
Imagens usos da Avenida José Vicente Aiello. Fonte: Autora.



Fábrica de
blocos ao lado
do hotel.

Hotel presente na
avenida e que
tem sua ocupação
em direção ao
córrego.

Imagens Avenida José Vicente Aiello em seu único trecho duplicado, e fachadas de condomínios. Fonte: Autora.



Trecho
Duplicado



Fachada
Condomínio
Tivoli II

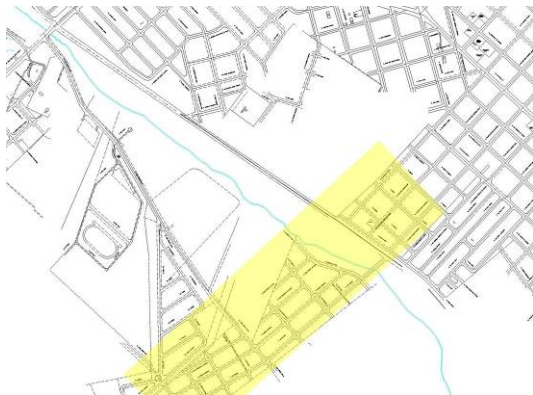


Fachada e lateral do
Condomínio Tivoli I.

Imagens Avenida José Vicente Aiello, e rua de terra que caminha para o córrego. Fonte: Autora.



Imagens Bairro Parque das Nações. Fonte: Autora.



Ocupação
irregular



Rua já existente, que
canaliza trecho do
Córrego.

Área atual
de “lazer”-
campo de
futebol.



**Figura 18 – Alagamento em uma das ruas de terra do Bairro Parque das Nações.
Bauru- 2010. Fonte: Rede Record**

Imagens das áreas laterais do trilho da ferrovia. Fonte: Autora.



5.2. Aplicação de um parque linear no Fundo de vale do Córrego da água da ressaca na cidade de Bauru

5.2.1. Estrutura e encontro da Identidade

Parque Linear se caracteriza fundamentalmente como uma intervenção urbanística em fundo de vale, e tem como alguns de seus objetivos:

- Proteger ou recuperar os ecossistemas;
- Conectar áreas verdes e espaços livres de um modo geral;
- Controlar enchentes;
- Prover áreas verdes para o lazer.

Em função de sua composição urbanística e ambiental, o Parque Linear pode ter tipologias diferenciadas, que privilegiem com maior intensidade um ou mais de um dos objetivos elencados acima.

As tipologias devem ser relacionadas tanto com a composição das áreas do parque, quanto com relação à sua inserção urbana, que deve ser relacionada com a necessidade de maior implantação de equipamentos e espaços de lazer e sociabilidade ou maior priorização da preservação ambiental com menos usos (em áreas com pouca ocupação urbana no entorno ou de acessibilidade mais restrita).

O Parque Linear têm características diferenciadas de um parque convencional por estar associado à Rede Hídrica.

Nesse sentido, deve-se sempre buscar a implantação de espaços visando dar uma continuidade a caminhos verdes e à cobertura vegetal e arborização ao longo do curso hídrico, combinando espaços onde a zona equipada pode ter maior área, se assemelhando a um parque nuclear convencional, e espaços onde a faixa é mais estreita, limitando-se a áreas de preservação da mata ciliar e caminhos verdes, quando possível.

A continuidade no tratamento da paisagem ao longo do curso hídrico visa não apenas a recuperação ambiental, mas também a valorização dos cursos d'água como elemento estrutural.

Além de a água servir como elemento estrutural na área em questão, a linha do trem marca também o espaço de forma linear.

Espaços Livres e Áreas Verdes têm por finalidade permitir a contemplação e a fruição de uma paisagem a qual se atribui valor estético, histórico e cultural relevante. No parque linear proposto o aspecto histórico marcante da ferrovia, traz a memória não apenas um trilho de trem, mas toda história ainda presente do auge e declínio desta dentro da cidade.

A ferrovia acima de tudo, marca a identidade deste vazio urbano, pois se analisamos suas influências dentro da composição da cidade, a mesma ferrovia que foi pólo de desenvolvimento e atração de pessoas, sofreu transformações sociais, econômicas e, sobretudo demográficas, onde afasta grande parcela da população que habitava no centro, primeiramente pela atividade comercial se expandir, e depois pelo declínio das atividades ferroviárias, portanto podemos concluir que esta expansão da cidade está vinculada a estes aspectos, e inclusive falando da área em estudo, pois vários bairros que cercam o fundo de vale do córrego da água da ressaca também foram habitados por estes motivos apresentados.

Concluimos então, que a mesma ferrovia que gerou a transição das pessoas que buscavam firmar suas residências fora do centro, ou seja, em áreas periféricas como esta, está ainda presente, continua fazendo parte dessas áreas que são afastadas do centro, resgatando assim sempre a memória desse importante instrumento de impulso para Bauru.

Outro aspecto gerador da identidade deste vazio urbano é a variedade de usos, ocupações e classes sociais que margeiam o espaço, que mais do que influenciados, serão a “vida” do parque proposto, pois se for estabelecido um fator de conforto e tranquilidade para o utilizador, este deixa de se sentir perdido e passa a estar integrado.

A intenção deste projeto também será mostrar este espaço, que atualmente está “invisível”, pois se trata de um ambiente hostil, e sem nenhuma valorização, pois hoje em dia, o que dá valor a essa região, são os condomínios fechados, esses muros que fazem as pessoas de dentro não enxergarem a realidade.

A partir da criação deste projeto, o ambiente externo será extremamente valorizado, será desvendado o que antes estava oculto, e acima de tudo se tornará acessível para todos, mostrando que existe muita qualidade por fora dos “muros”.

Portanto haverá uma mudança de conceito, com a qualificação deste vazio urbano, o condomínio que será hostil dentro deste espaço, pois estará fechado a ele. Fazendo alusão a esse elemento “muro”, o parque conterá alguns muros em sua concepção, que serão mostrados no decorrer da explicação das áreas, porém serão muros possíveis.

5.2.2. Áreas e usos – Palcos para o lazer

A área proposta para o parque linear, abrange cerca de 490.994,14 m², sendo que dentro desse espaço, encontramos além de sua preservação e qualificação, usos variados.

Como partido para a concepção, o reuso da ferrovia é proposto, impulsionando o uso do parque. Para isso, esse novo trem será de uso da população como um transporte urbano e intermunicipal, onde um cidadão poderá se locomover a partir deste meio de transporte.

Acompanhando o desenho criado por esse vazio, temos o sentindo linear que algumas vezes se quebra e se abre em grandes áreas, que parecem permear o que já há de edificação. Para melhor entendimento, podemos fazer uma divisão destes espaços em quatro áreas, além do córrego, da ferrovia, da ciclovia e da avenida que será duplicada, que acompanham todo o parque de maneira linear, com pode ser visto na implantação.

➤ **Área 1**

No início do parque haverá uma “ponto” de trem, fazendo referência a uma estação, e a partir daí, começa o trajeto que passará dentro do parque, onde também são encontrados mais três pontos de parada, e levará o indivíduo ao destino pretendido. Para a estrutura desse “ponto” de trem principal, é usado o pergolado como lembrança a um trilho, e sua cobertura como mosaico de acrílico, referenciando aos vitrais que faziam parte do prédio da Estação Ferroviária de Bauru.

O trem utilizado para esse fim, deverá ser um mais moderno, onde o passageiro não terá problema com a acessibilidade, pois ele já se encontra quase que no nível do chão.

Logo atrás a este local, foi implantado um edifício que servirá para o a administração do parque, além de ser o espaço onde funcionará um órgão público de planejamento urbano.

É também nessa área que acontece o início da ciclovia, que acompanha todo o parque, de forma também linear.

A primeira entrada de pedestres para os caminhos feitos de blocos intertravados, já passa em cima do córrego como uma ponte, que é de um material metálico vazado, e permite o pedestre visualizar a água, elemento este muitas vezes não perceptível as pessoas que passam do lado de fora, já desvendando assim o elemento que estará presente no decorrer de toda a área.

Seguindo por este caminho, temos seu percurso todo arborizado, além da recuperação da mata ciliar, que será essencial na revitalização do córrego.

Ainda na área 1, encontra-se o playground, que é composto por brinquedos lúdicos, além da disposição ser lúdica, pois cria um circuito de atividades, em alguns pontos surpreendidos por pequenas fontes de água que emergem do chão. O piso usado continua sendo o intertravado, como em todo o parque, e o acesso à linha do trem é barrado por muros de arrimo, algumas vezes invadido por taludes, dessa maneira o espaço se torna mais seguro às crianças que irão usufruir dele.

Logo ao lado, chega-se a um mirante, onde a passagem das pessoas para a linha do trem é impedida por uma parede vazada, onde pode-se visualizar o outro lado a partir de aberturas, como janelas. Além de um elemento de segurança, essa parede vista de longe lembra um vagão de trem, contextualizando o espaço. Abaixo do piso do mirante, acomodam-se banheiros públicos, que servirão essa área., além de bebedouros que além deste lugar, se encontram espalhados por todo o parque.

Seguindo pelo caminho que acompanha o curso de água, passaremos pela área de quiosques, que são destinados a qualquer tipo de atividade, como leitura, estudo, meditação, entre outras, que possa se beneficiar de um lugar como este, e chegamos a área 2.

➤ **Área 2**

Esta segunda área engloba equipamentos mais ligados à cultura, sendo eles um anfiteatro ao ar livre, onde podem acontecer diversos tipos de atividades, como shows e teatros. Seu acesso se dá tanto pelo lado da avenida como pelos caminhos internos do parque.

Do lado de trás do palco, existe um grande muro, que possui a finalidade de ser um telão para eventos de cinema no parque. Os expectadores assistiram aos filmes do outro lado do córrego, no espaço gramado, que pode ser utilizado com cadeiras ou somente com a acomodação das pessoas na própria grama.

Ao lado do anfiteatro, está um pavilhão multiuso. Esse local conta com uma área fechada, que abriga salas de exposição, salas para cursos, banheiros e a administração dessa área do parque. No restante do conjunto, está uma área coberta, porém aberta, protegida em suas laterais com elementos vazados, que pode ser palco diversos eventos, como feiras, palestras, campanhas, exposições, mostras culturais, entre outros, ou seja, como o próprio nome diz, espaço multiuso. Este prédio será de estrutura metálica e também fará uso de madeira de demolição.

Ao lado desse pavilhão, concentra-se um posto de coleta de lixo reciclável, que encaminhará todos estes produtos ao destino correto.

Ainda nesta área, há a ligação da região do jardim Estoril e Vila Zilo, com a Avenida José Vicente Aiello, por meio de uma ponte, que passa por cima do parque, se tornando um fácil acesso para carros e pedestres.

Continuando pelo caminho que margeia o córrego, chegamos a área 3.

➤ **Área 3**

Acessando a terceira área pelo interior do parque, encontramos um grande local destinado a pomar, e a uma horta comunitária. Estes espaços, particularmente a horta, apesar de públicos, possuem restrições de uso, uma vez que as pessoas deverão ter certo conhecimento para manusear os alimentos ali plantados. Para isso, ao lado a horta existe um local destinado a esses ensinamentos, além de servir para guardar o material usado.

O objetivo maior da horta, é a venda destes produtos naturais e orgânicos na feira, que acontecerá dentro do parque. O espaço reservado para essa atividade, usa antigos vagões de trem como bancas, onde estas serão permanentes, podendo assim serem fechadas ou abertas. Esse local também conta com uma cobertura semelhante à usada nos pontos de espera do trem, mas se diferem pelas cores do acrílico, que recebem a sombra das árvores, deixando o espaço protegido do sol e da chuva.

A prática da horta comunitária, intensifica o uso e envolvimento da população dentro do parque, resgatando assim a idéia de que o espaço público é um bem comum e de grande valor para a população, que deve usar e se apropriar deste espaço. Além disso, a venda destes produtos servirá como uma renda extra para moradores dos bairros mais carentes, como o parque das nações que estarão envolvidos no projeto.

Também na área três, funcionará um restaurante, que ao mesmo tempo fará uso dos produtos fornecidos pela horta, trará movimento para o parque também no período noturno, fazendo com que o espaço não se torne vazio e perigoso, e proporcionará aos habitantes a gostosa sensação de fazer refeições dentro de um espaço verde agradável, sem se quer sair da área urbana.

Já para pessoas que prefiram levar seu próprio alimento, essa área também conta com um espaço destinado a piquenique, com mesas rústicas em uma área sombreada.

É também nessa altura do vazio urbano, que temos a maior quantidade de habitações, ou seja a maior quantidade de áreas não permeáveis. Desse modo, fica reservado um espaço de 70 metros de largura, por 200 de comprimento, que pode ser alagado durante período de intensas chuvas. A contenção da água para ai escoada será levemente barrada pelo uso de pedras que delimitarão esse local, fazendo composição com a mata ciliar recuperada, já citada anteriormente.

➤ **Área 4**

A ultima área, fica logo abaixo ao termino do Parque das Nações, que teve de ser remodelado, sendo retiradas às ocupações irregulares, que ficavam muito perto ao córrego. Ao lado do bairro parque das nações, temos um espaço com moradias populares, que além de novos habitantes abrigará as pessoas que saíram dos locais irregulares.

O espaço quatro concentra atividades esportivas variadas, e para todas as faixas etárias.

É composto por duas quadras de vôlei, dois campos de futebol amador, pista de skate e pista de ciclismo.

Também está presente ai, um espaço para terceira idade, que pode ser usado para recreação e atividades esportivas. Este espaço além de ser sombreado tem parte coberto por estruturas tencionadas, que podem ser mudadas conforme o uso requerido. Essa alternativa foi usada para que este local possa ser usado até mesmo em situações de chuvas fracas.

Complementando a área, temos um local com banheiros e bebedouros, além de um bar que destina seu uso a esta área, mas é de uso comum de todo parque.

Finalizando a área, observa-se uma grande arquibancada, um lado voltado para as quadras, que podem ser utilizadas em momentos festivos como área para apresentação de alguma atividades, e outro lado voltado para o córrego, que se comporta como um “mini” anfiteatro, para apresentações mais reservadas, além de se transformar em um mirante, que dera vista para todo o parque.

Em resumo, podemos caracterizar o parque proposto como um conjunto de lugares qualificados, com um percurso para caminhadas, e com funções recreativas compatibilizadas com outras produtivas, necessárias à comunidade, que trarão estímulo à auto-estima, proteção e respeito ao ecossistema.

Por outro lado, uma estratégia de legibilidade, em busca de uma “identidade local” sempre reinterpretando para servir a vida presente. Essa identidade assentada assim na caracterização do lugar como paisagem verde urbana, assegura a acessibilidade, o movimento, a visibilidade, a orientação dos utentes e permitindo uma diversidade de ambientes que promete adaptabilidade aos ciclos da natureza.

Os componentes da ação – caminhos, passarelas, estrada de ferro, e viadutos-pontes pedonais, vão se revelando ao longo de um percurso, a partir da entrada e se estendem pelo território de forma que o vazio urbano vai sendo desvendado, sendo acompanhado neste percurso pelo elo Passado- presente- futuro, que não deve se romper.

➤ **Arborizações Utilizadas**

As espécies vegetais utilizadas foram características do cerrado encontrado em Bauru. Estas estão por todo o parque, compondo sua vegetação.

São elas:

- Ipê Branco e Amarelo
- Suína
- Pau-ferro
- Pau - formiga
- Faveiro
- Aroeira
- Farinha-seca
- Jacarandá

Na área do pomar as árvores frutíferas encontradas são:

- Goiabeira
- Laranjeira
- Jabuticabeira
- Mangueira
- Limoeiro
- Pitangueira.

6. Conclusão

Concluimos que o planejamento urbano é essencial para o bom desenvolvimento das cidades atuais.

A preservação dos fundos de vale, criando parques lineares, se configura como a solução mais justa, urbanisticamente falando, dentre aquelas que se apresentam para harmonizar a paisagem natural com a paisagem construída.

Porém para isso deve-se entender o ambiente onde ocorrerá essa intervenção, pois acima de tudo a paisagem é um fator cultural, possui uma memória, que deve ser considerada. O retorno aos antigos valores se funde às novas tecnologias, e tudo pode ser experimentado, tudo é possível, sempre levando em conta os fatores naturais e sustentáveis.

Além disso, a área verde assim obtida atenua a temperatura pelo microclima criado, ajudando a cidade a “respirar” a partir de seus fundos de vale. O manejo do verde nessas áreas pode ser feito tanto no sentido de preservar matas ciliares, plantio de grama e árvores novas, como complementado, com a introdução de equipamentos.

Cada dia mais, novas perspectivas se abrem para um uso mais diversificado do parque, o que faz dele um local de lazer para todas as faixas etárias e sociais, pois proporciona além do lazer contemplativo, o lazer esportivo, cultural, histórico e educativo.

O conceito de conservação ecológico se torna um importante instrumento de preservação das áreas verdes dentro do meio urbano, se tornando assim essencial a informação a população do valor de áreas como fundos de vale e sua qualificação como espaço público.

7. Bibliografia

- ABREU, Alexandre Cancela d'. **Caracterização do Sistema Biofísico do Território com vista ao Ordenamento do Território.** Universidade de Évora (dissertação de doutoramento), 1989.
- BARBOSA, V. L. **Ecologia e Expansão Urbana da cidade de Bauru-SP.** Tese (Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais). UFSCAR, 2006.
- BRASIL. **Lei n.º 10.257**, de 10 de julho de 2001. Regulamenta os artigos 182 e 183 da Constituição Federal, estabelece diretrizes gerais da política urbana e dá outras providências. Brasília, 2001. Disponível em: <www.planalto.gov.br>
- CABRAL, F. Caldeira. **Fundamentos da Arquitectura Paisagista.** Instituto de Conservação da Natureza, Lisboa 1993.
- CAVALHEIRO, F. & DEL PICCHIA, P.C.D. **Áreas Verdes: conceitos, objetivos e diretrizes para o planeamento.** In: Congresso Brasileiro sobre Arborização Urbana, I, Vitória/ES, 13-18/09/92. Anais I e II. 1992. P.29-35.
- DEE, C. Lockley R., **Gender in Landscape: Landscape Architecture in Feminine.** In Open Space, People Space: International Conference. Edinburgh, U.K. 2004
- DGOTDU, **Vocabulário de Termos e Conceitos do Ordenamento do Território.** Coleção Informação. Lisboa, 2005.

- ESCADA, M.I.S. **Utilização de técnicas de sensoriamento remoto para o planejamento de espaços livres urbanos de uso coletivo.** (Dissertação de Mestrado em Sensoriamento Remoto) - INPE, São José dos Campos, 1992. 133 p.

- FAAC, DAUP, **Olhares Sobre Bauru.**
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Bauru, 2008.

- LAMAS, J. M. R. G. **Morfologia urbana e desenho da cidade.** Lisboa: Fundação Calouste Gubenkian. Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1993.

- MAGALHÃES, Manuela Raposo. **A Arquitectura Paisagista, Morfologia e Complexidade.**
Editora Estampa, Lisboa 2001.

- MAGALHÃES, Manuela Raposo. **Espaços Verdes Urbanos.**
MPAT, DGOT, n° 25, Lisboa 1992.

- PARK, R. E. A cidade: **sugestão para a investigação do comportamento humano no meiorbano.**
In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.).O fenómeno urbano. 2.ed. Rio de Janeiro:Zahar Editores, 1973. p. 26 . 57.

- PINHO, P. M. **Aspectos Ambientais da Implantação de “Vias Marginais” em Áreas Urbanas de Fundo de Vale.** 1999. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós Graduação em Engenharia Urbana, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

- **PLANO DIRETOR DE LONDRINA.** Disponível em:
<http://cml.sercomtel.com.br/default/16_legislacao.asp>.

- REIS, R. F. & ZEILHOFER, P. **Os fundos de vale sob a ótica do Estatuto da Cidade**. Universidade Estadual de Londrina, Departamento de Geociências. jul./dez. 2005.
- SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Planejamento Urbano do Município de São Paulo (org.). **Plano Diretor Estratégico do Município de São Paulo**, 2002–2012. São Paulo: Senac São Paulo; Prefeitura Municipal de São Paulo, 2004.
- SECRETARIA DE PLANEJAMENTO URBANO DE BAURU – SEPLAN, Bauru, **Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado da Cidade de Bauru**, 1996 e 2005/2006.
- TELLES, Gonçalo Ribeiro. **Do Urbanismo ao Ordenamento do Território**. In Communio, n° 6 , Lisboa 1990.
- TELLES, Gonçalo Ribeiro. **Paisagem Global. Um conceito para o Futuro**. In Iniciativa, n° especial, Abril 1994.



ÁREA 1
1/2



Prédio da
Adm. do
Parque e
órgão público.

Principal
"ponto"
de espera
no trem.



Duplicação
da Avenida
José Vicente
Aiello.



Principal
entrada
do parque

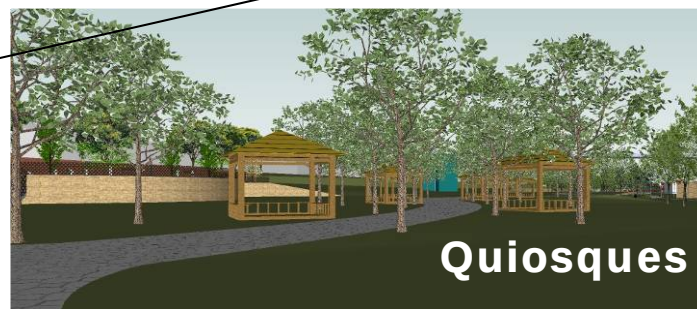
Ciclovía

Fabiana B. Faustini

TFG 2010- Qualidade do espaço Público: Desvendando um Vazio urbano.



ÁREA 1
2/2



Quiosques



Playground



Mirante



Fabiana B. Faustini

TFG 2010- Qualidade do espaço Público: Desvendando um Vazio urbano.

Área do hotel e fábrica de blocos

Condomínio fechado Tivolli I



Implantação da área 2

Ponte/ viaduto que interliga os bairros

Anfiteatro

Pavilhão Multiuso



ÁREA 2
1/3

Fabiana B. Faustini

TFG 2010- Qualidade do espaço Público: Desvendando um Vazio urbano.



ÁREA 2

2/3

Bolsão verde
para
automóveis.

Condomínio
Tivoli I



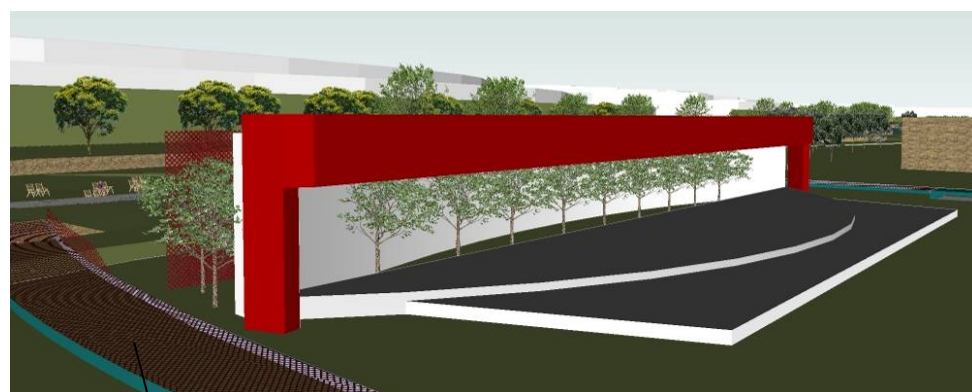
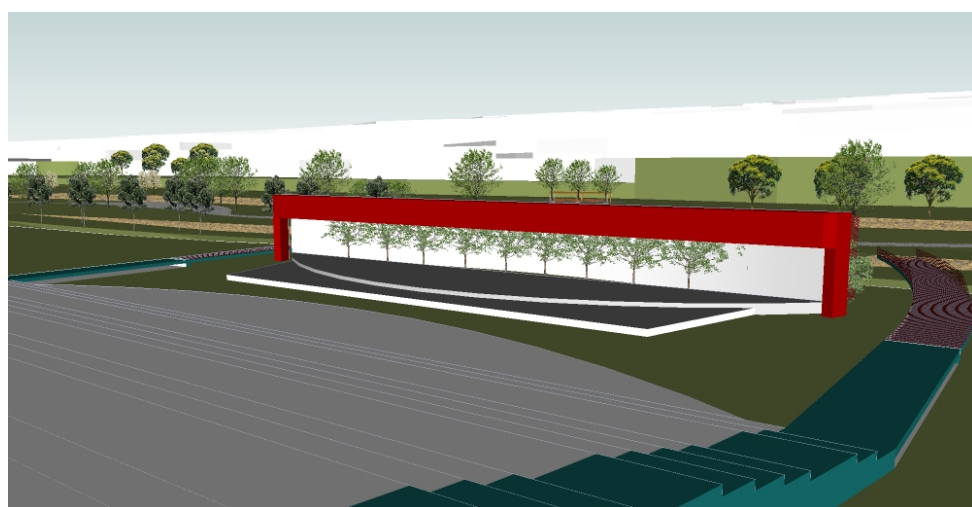
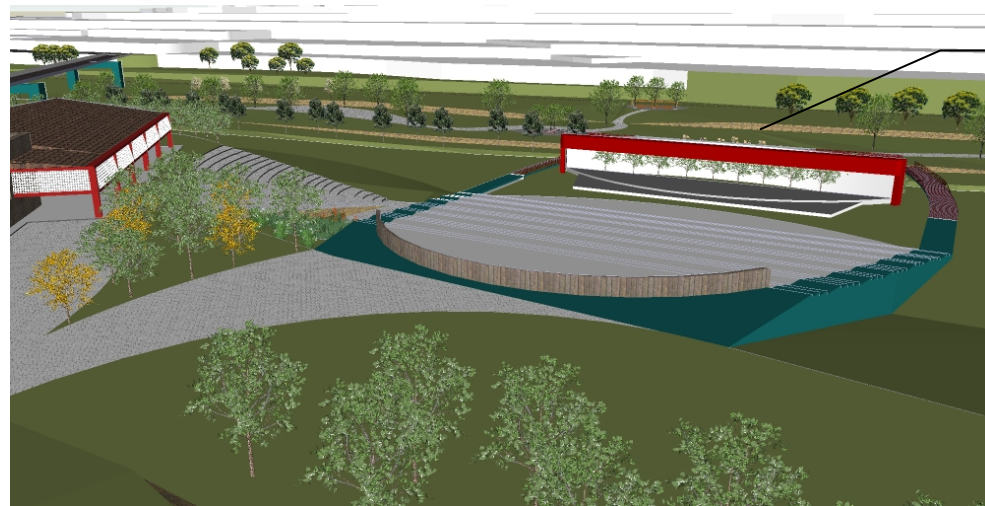
Revestimento de madeira de
demolição.

Pavilhão multiuso – estrutura
metálica e elementos vazados.



Fabiana B. Faustini

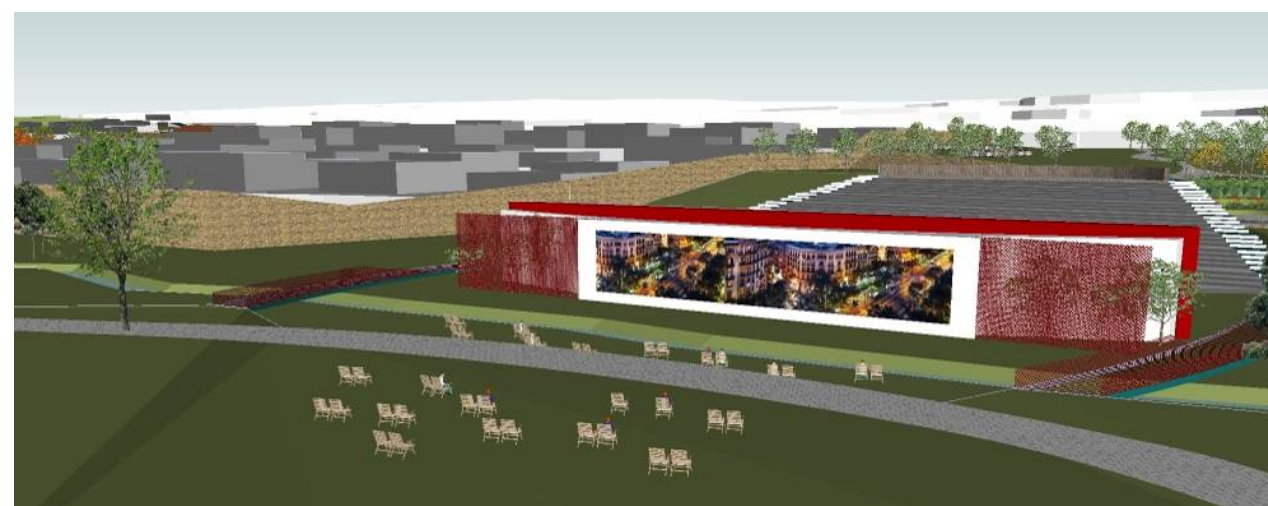
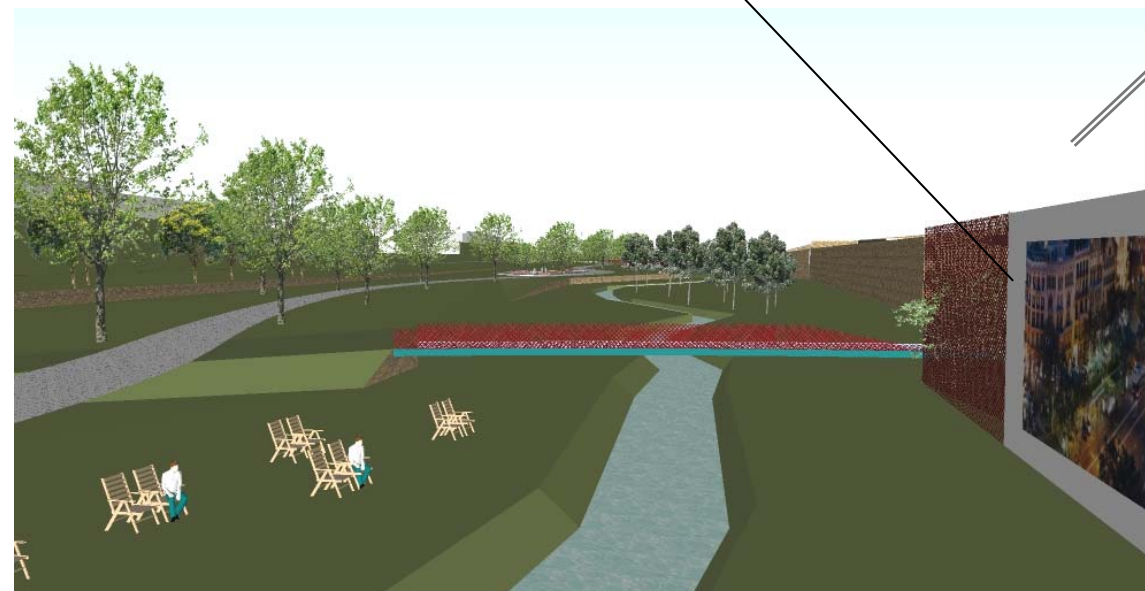
TFG 2010- Qualidade do espaço Público: Desvendando um Vazio urbano.



Passarela que interliga os lados, e já dá acesso a arquibancada.

Parte de trás do anfiteatro para cinema ao ar livre.

ÁREA 2
3/3



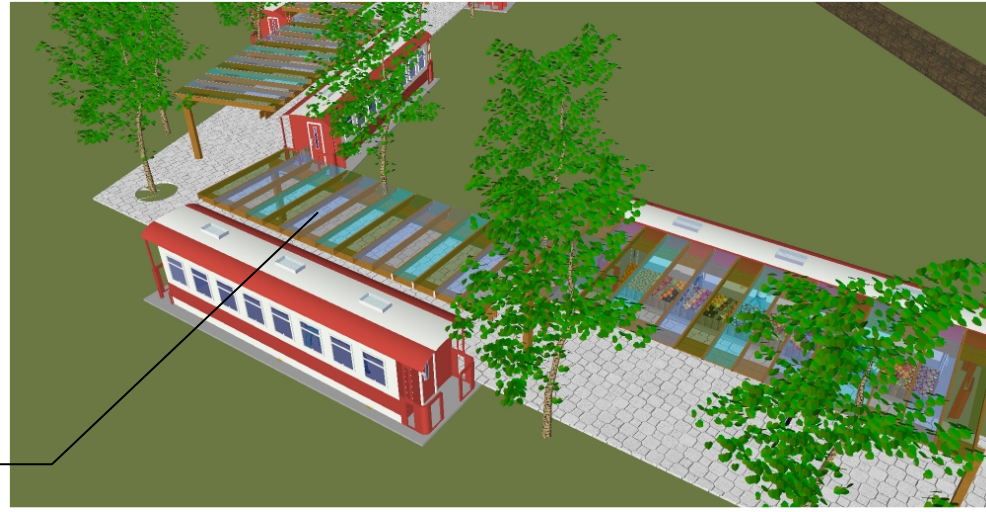
Fabiana B. Faustini

TFG 2010- Qualidade do espaço Público: Desvendando um Vazio urbano.



Espaço destinado a feiras, usando antigos vagões como bancas.

Cobertura remetendo a um trilho de trem.



ÁREA 3
1/3



Fabiana B. Faustini

TFG 2010- Qualidade do espaço Público: Desvendando um Vazio urbano.



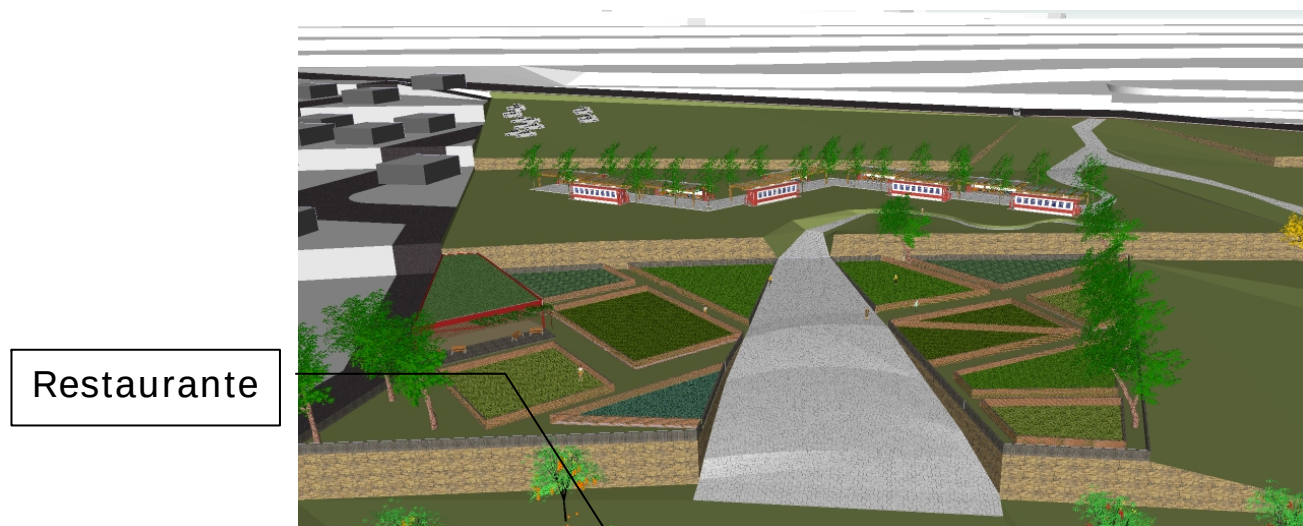
Horta
comunitária

Rampa de
acesso a
horta.

Pomar

ÁREA 3
2/3

Galpão para aulas
teóricas e abrigo de
instrumentos,
Utilizados na horta.



Restaurante



Fabiana B. Faustini

TFG 2010- Qualidade do espaço Público: Desvendando um Vazio urbano.



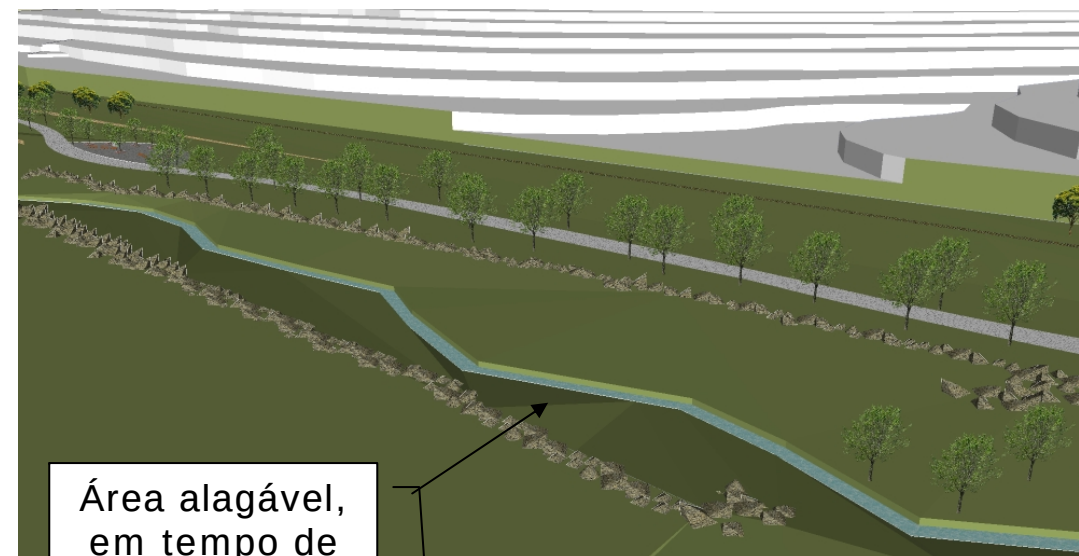
Restaurante que também será abastecido com produtos orgânicos da horta.



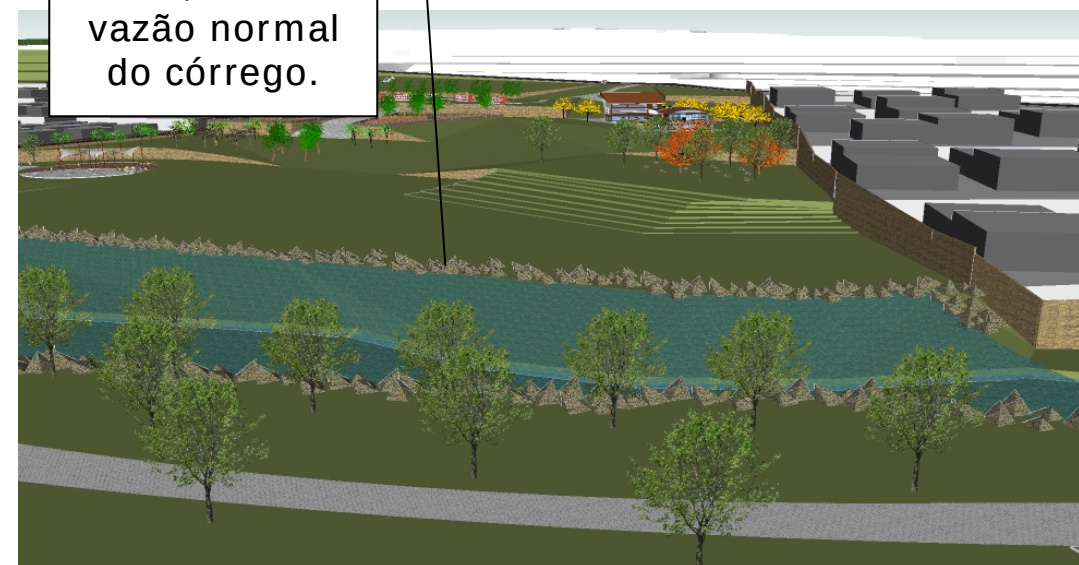
Espaço de piqueniques.



ÁREA 3
3/3



Área alagável, em tempo de chuva, e com a vazão normal do córrego.



Fabiana B. Faustini

TFG 2010- Qualidade do espaço Público: Desvendando um Vazio urbano.



Bolsão verde para automóveis

Área destinada a terceira idade.

ÁREA 4
1/3



Arquibancada

Pista de ciclismo

Bairro Parque das Nações

Espaço destinado a futuras habitações populares.

Área de quadras.



Fabiana B. Faustini

TFG 2010- Qualidade do espaço Público: Desvendando um Vazio urbano.



Quadras de Vôlei



ÁREA 4
2/3

Campo de futebol



Arquibancada que se transforma em "mini"anfiteatro.

Fabiana B. Faustini

TFG 2010- Qualidade do espaço Público: Desvendando um Vazio urbano.



Área de
banheiros
e bar.

Espaço da
terceira
idade.

ÁREA 4

3/3



Fabiana B. Faustini

TFG 2010- Qualidade do espaço Público: Desvendando um Vazio urbano.



Área de
banheiros
e bar.

Espaço da
terceira
idade.

ÁREA 4

3/3

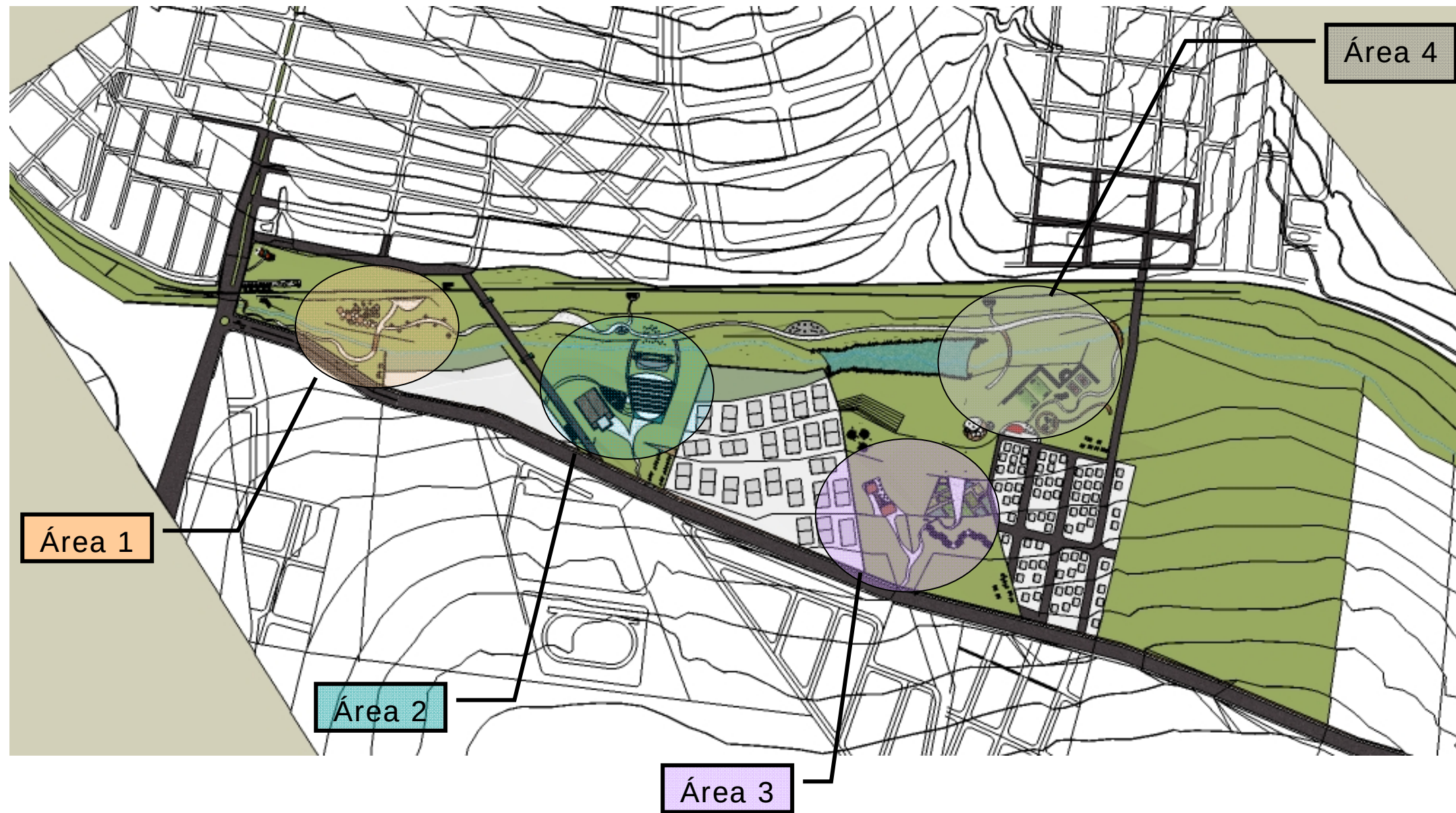


Fabiana B. Faustini

TFG 2010- Qualidade do espaço Público: Desvendando um Vazio urbano.



IMPLANTAÇÃO GERAL



Fabiana B. Faustini

TFG 2010- Qualidade do espaço Público: Desvendando um Vazio urbano.